

## **FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA E O ENSINO DE LUTAS: ESTRATÉGIAS PARA UM CURRÍCULO ANTISSEXISTA**

## **TEACHER EDUCATION IN PHYSICAL EDUCATION AND THE TEACHING OF COMBAT SPORTS: STRATEGIES FOR AN ANTI-SEXIST CURRICULUM**

## **FORMACIÓN DOCENTE EN EDUCACIÓN FÍSICA Y LA ENSEÑANZA DE LAS LUCHAS: ESTRATEGIAS PARA UN CURRÍCULO ANTISSEXISTA**

**Adão Rodrigues de Sousa**

<https://orcid.org/0000-0002-7348-5876> 

<https://lattes.cnpq.br/7976062804852790> 

Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT – Brasil)

[adao.sousa@unemat.br](mailto:adao.sousa@unemat.br)

### **Resumo**

A Educação Física escolar desempenha um papel essencial na formação corporal e social dos estudantes. No entanto, o ensino de lutas ainda é marcado por estereótipos de gênero, frequentemente associando essas práticas à masculinidade e à agressividade. O objetivo deste estudo é analisar como a formação docente em Educação Física aborda o ensino de lutas sob a perspectiva de gênero e propor estratégias para um currículo antissexista. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, com revisão da literatura. Os resultados indicam que a masculinização do ensino de lutas exclui ou desmotiva meninas e mulheres, enquanto a formação docente carece de discussões aprofundadas sobre gênero. Como estratégias, propõe-se a valorização da singularidade dos estudantes, a criação de um ambiente cooperativo e a desconstrução de estereótipos. Conclui-se que a implementação de um currículo antissexista exige mudanças na formação docente e nas políticas educacionais, promovendo uma Educação Física mais inclusiva e equitativa. O ensino de lutas pode ser ressignificado como um espaço de empoderamento e valorização da diversidade.

**Palavras-chaves:** Educação Física; Ensino de Lutas; Gênero; Currículo Antissexista.

### **Abstract**

School Physical Education plays an essential role in students' physical and social development. However, the teaching of combat sports is still influenced by gender stereotypes, often associating these practices with masculinity and aggressiveness. This study aims to analyze how teacher education in Physical Education addresses the teaching of combat sports from a gender perspective and to propose strategies for an anti-sexist curriculum. The research adopts a qualitative, exploratory, and descriptive approach, with a literature review. The results indicate that the masculinization of combat sports teaching excludes or discourages girls and women, while teacher education lacks in-depth discussions on gender. As strategies, the study proposes valuing students' individuality, creating a cooperative environment, and deconstructing stereotypes. It is concluded that the implementation of an anti-sexist curriculum requires changes in teacher education and educational policies, promoting a more inclusive and equitable Physical Education. Combat sports teaching can be redefined as a space for empowerment and appreciation of diversity.

**Keywords:** Physical Education; Combat Sports Teaching; Gender; Anti-Sexist Curriculum.

### **Resumen**

La Educación Física escolar desempeña un papel esencial en la formación corporal y social de los estudiantes. Sin embargo, la enseñanza de las luchas sigue estando marcada por estereotipos de género, asociando frecuentemente estas prácticas con la masculinidad y la agresividad. Este estudio tiene como objetivo analizar cómo la formación docente en Educación Física aborda la enseñanza de las luchas desde una perspectiva de género y proponer



estrategias para un currículo antisexistico. La investigación adopta un enfoque cualitativo, exploratorio y descriptivo, con una revisión de la literatura. Los resultados indican que la masculinización de la enseñanza de las luchas excluye o desmotiva a niñas y mujeres, mientras que la formación docente carece de debates profundos sobre género. Como estrategias, se propone valorar la singularidad de los estudiantes, crear un ambiente cooperativo y deconstruir estereotipos. Se concluye que la implementación de un currículo antisexistico requiere cambios en la formación docente y en las políticas educativas, promoviendo una Educación Física más inclusiva y equitativa. La enseñanza de las luchas puede resignificarse como un espacio de empoderamiento y valoración de la diversidad.

**Palabras claves:** Educación Física; Enseñanza de Luchas; Género; Currículo Antisexistico.

## INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar desempenha um papel fundamental na formação corporal, social e cultural dos estudantes. No entanto, observa-se que o ensino de lutas nesse contexto ainda é atravessado por estereótipos de gênero, sendo frequentemente associado às masculinidades hegemônicas e à valorização de características como força e agressividade. Esse panorama contribui para a exclusão de meninas e mulheres da prática dessas modalidades e perpetua desigualdades estruturais no ambiente escolar e na formação docente (Scott, 1995; Louro, 1997).

Enquanto componente curricular, a Educação Física tem sido historicamente marcada por uma série de estereótipos e práticas que refletem as desigualdades de gênero presentes na sociedade. O ensino de lutas, em particular, é frequentemente associado a características tradicionalmente masculinas, como força, agressividade e resistência física, o que pode resultar na exclusão ou desmotivação de meninas e mulheres para a prática dessas atividades. Essa realidade evidencia a necessidade de uma reflexão crítica sobre como a formação inicial de professores e professoras de Educação Física aborda o ensino de lutas, especialmente no que diz respeito às questões de gênero.

Apesar dos avanços nas discussões sobre gênero e educação, ainda persistem desafios significativos na desconstrução de estereótipos e na promoção de uma prática pedagógica mais inclusiva e equitativa. A masculinização do ensino de lutas não apenas reforça normas de gênero binárias, mas também limita o potencial educativo dessa prática corporal, que poderia ser um espaço privilegiado para a reflexão sobre as relações de poder e a diversidade de expressões corporais.

Neste contexto, este artigo tem como objetivo analisar como a formação de professores e professoras de Educação Física aborda o ensino de lutas na perspectiva de gênero, propondo estratégias para a construção de um currículo antisexistico. Para desenvolver essa reflexão, o texto explora como docentes e futuros professores compreendem as relações





entre gênero e práticas de luta, mapeia os principais obstáculos e experiências concretas encontradas na aplicação dessa temática durante a formação inicial, e sugere alternativas metodológicas capazes de fomentar uma Educação Física verdadeiramente inclusiva.

A relevância deste estudo reside na urgência de se repensar as práticas pedagógicas na Educação Física, de modo a garantir que o ensino de lutas seja um espaço de inclusão e empoderamento para todos os gêneros. A partir de uma revisão de literatura e de uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, este trabalho busca contribuir para a construção de uma formação docente mais crítica e reflexiva, capaz de enfrentar as desigualdades de gênero e promover uma educação física verdadeiramente inclusiva.

Ao longo deste artigo, serão discutidos os referenciais teóricos que embasam a análise, como os estudos de Joan Scott (1995) sobre gênero como categoria de análise histórica, as reflexões de Louro (1997) sobre gênero e educação, e as contribuições de Butler (2003) e Marani (2022) sobre a desconstrução das normas de gênero e sexualidade. Esses autores oferecem subsídios teóricos fundamentais para compreender como as relações de gênero são construídas e perpetuadas no contexto educacional, e como podem ser desafiadas por meio de práticas pedagógicas transformadoras. Dito isto, assevera-se que "é emergente e urgente motivar e lidar com conflitos que possibilitam o questionamento das dissimetrias baseadas em gênero, raça, orientação sexual e classe" (Auad; Corsino, 2018, p. 10).

Por fim, espera-se que este estudo possa fomentar debates e ações que contribuam para a superação dos estereótipos de gênero no ensino de lutas, promovendo uma Educação Física mais justa e democrática, que valorize a diversidade e a equidade em todas as suas práticas corporais.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Joan Scott (1995) oferece uma base fundamental ao discutir o gênero como uma categoria útil de análise histórica. A autora argumenta que o gênero não se limita a uma distinção biológica entre homens e mulheres, mas é uma construção social que organiza as relações de poder e as identidades de forma hierárquica. Scott destaca que o uso do termo gênero permite uma análise relacional, na qual homens e mulheres são compreendidos em termos recíprocos, desafiando explicações biológicas e enfatizando as construções culturais que definem os papéis sociais atribuídos a cada gênero. Essa perspectiva é crucial para



entender como o ensino de lutas, tradicionalmente associado à masculinidade, pode perpetuar desigualdades e exclusões.

Louro (1997) amplia essa discussão ao situar o conceito de gênero no contexto do movimento feminista contemporâneo. O autor ressalta que o gênero é uma categoria que emerge das lutas políticas feministas, buscando desnaturalizar as hierarquias entre os sexos e questionar as estruturas de poder que sustentam a opressão das mulheres. A autora também enfatiza a importância de se pensar o gênero de forma interseccional, considerando como raça, classe e sexualidade se entrelaçam para moldar as experiências dos indivíduos. Essa abordagem é essencial para compreender como as práticas pedagógicas na Educação Física podem reforçar ou desafiar as normas de gênero.

Butler (2003), por sua vez, contribui com a noção de performatividade de gênero, argumentando que as identidades de gênero não são fixas, mas são performativamente construídas através de atos repetidos que conformam as normas sociais. Butler desafia a ideia de uma essência biológica que determina o gênero, propondo que as identidades são fluidas e constantemente negociadas. Essa perspectiva é particularmente relevante para o ensino de lutas, onde os corpos são frequentemente disciplinados de acordo com normas de gênero rígidas. A desconstrução dessas normas, como propõe Butler, pode abrir espaço para práticas mais inclusivas e diversificadas.

No contexto específico da Educação Física, os estudos de Marani (2022) trazem reflexões importantes sobre como as relações de gênero e sexualidade são experienciadas no ambiente escolar. A partir de uma narrativa autoetnográfica, Marani (2022) discute como as práticas corporais, como a dança e o esporte, são atravessadas por normas heteronormativas que marginalizam corpos que não se conformam aos padrões hegemônicos. A autora sugere que a Educação Física pode ser um espaço de resistência e subversão dessas normas, promovendo a valorização de múltiplas expressões de gênero e sexualidade.

Além disso, Devide *et al.* (2011) e Devide e Brito (2021) destacam a importância dos estudos de gênero na Educação Física, apontando para a necessidade de se desconstruir estereótipos relacionados às práticas corporais e esportivas. Eles argumentam que a cultura esportiva tradicionalmente valoriza características associadas à masculinidade hegemônica, como força e competitividade, o que pode marginalizar outras expressões de gênero. A desconstrução desses padrões é essencial para promover uma prática esportiva mais inclusiva e equitativa.





Ao discorrer sobre a exclusão dos corpos queer, Marani *et al.* (2021, p. 208) assevera que "esse tipo de exclusão com o diferente do padrão, sempre foi uma das minhas inquietações e a perspectiva de tais experiências vêm se modificando, refletindo com mais sensibilidade sobre gênero e sexualidade. Nesse contexto do âmbito esportivo, expressões como futsal e futebol ainda são voltadas majoritariamente para o público masculino".

Por fim, os estudos de Hooks (2021) sobre educação como prática da liberdade oferecem uma base pedagógica para a implementação de estratégias antissexistas no ensino de lutas. A autora defende uma educação crítica e engajada, que desafie as estruturas opressivas e promova a justiça social. A autora enfatiza a importância de criar ambientes educacionais inclusivos, onde as experiências e identidades diversas dos estudantes sejam valorizadas. Essa abordagem é fundamental para a construção de um currículo antissexista na Educação Física, que promova a equidade de gênero e a diversidade nas práticas corporais.

Em síntese, o referencial teórico aqui apresentado fornece as bases conceituais para a análise crítica do ensino de lutas na formação docente em Educação Física, destacando a necessidade de se desconstruir estereótipos de gênero e promover práticas pedagógicas mais inclusivas e equitativas. Com esse arcabouço teórico, o texto avança na reflexão sobre como reinventar o ensino de lutas, transformando-o num campo fértil para o empoderamento dos corpos e a contestação das normas dominantes de gênero que ainda persistem na Educação Física escolar.

## O ENSINO DE LUTAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

O ensino de lutas na Educação Física escolar tem sido historicamente marcado por uma associação com características tradicionalmente masculinas, como força, agressividade e competitividade. Essa vinculação reflete e reforça estereótipos de gênero que podem excluir ou desmotivar a participação de meninas e mulheres nessa prática corporal. Apesar de as lutas serem reconhecidas como um conteúdo importante para o desenvolvimento físico, cognitivo e social dos estudantes, a forma como são abordadas no contexto educacional muitas vezes perpetua desigualdades de gênero, limitando o potencial inclusivo dessa prática.

A masculinização do ensino de lutas não é um fenômeno recente. Desde sua inserção no currículo escolar, as lutas têm sido associadas a valores considerados masculinos, como a virilidade e a assertividade, enquanto características como delicadeza e cooperação, frequentemente associadas ao feminino, são desvalorizadas. Essa divisão binária e hierárquica



entre masculino e feminino acaba por criar barreiras para a participação plena de todos os gêneros, especialmente das meninas, que podem se sentir desencorajadas a praticar atividades percebidas como não adequadas ao seu gênero.

Além disso, a formação inicial de professores e professoras de Educação Física muitas vezes reproduz esses estereótipos, ao não problematizar suficientemente as questões de gênero no ensino de lutas. Como apontam Almeida *et al.* (2022), muitos docentes não recebem formação adequada para abordar as lutas de forma inclusiva, o que resulta em práticas pedagógicas que reforçam a exclusão de gênero. A falta de capacitação profissional e a escassez de materiais didáticos que contemplam uma perspectiva de gênero são fatores que contribuem para a perpetuação dessas desigualdades.

No entanto, o ensino de lutas também pode ser um espaço privilegiado para a desconstrução desses estereótipos e para a promoção de uma educação mais equitativa. Como discutido por Figueiredo *et al.* (2021), práticas pedagógicas que valorizam a singularidade de cada estudante, independentemente de seu gênero, podem incentivar a participação e a permanência de meninas e mulheres nas aulas de lutas. Estratégias como a modulação dos exercícios de acordo com as necessidades individuais, a criação de um clima cooperativo e o reconhecimento das conquistas de cada aluno e aluna são fundamentais para construir um ambiente inclusivo.

A perspectiva de gênero, como proposta por Scott (1995) e Butler (2003), oferece ferramentas teóricas para repensar o ensino de lutas de forma a desafiar as normas de gênero hegemônicas. Ao invés de reforçar a ideia de que as lutas são uma prática masculina, é possível abordá-las como uma atividade que pode ser vivenciada por todos os corpos, independentemente de seu gênero. Isso implica em desconstruir a noção de que há práticas corporais adequadas para homens e mulheres, e em valorizar a diversidade de expressões corporais.

Nesse sentido, a interseccionalidade, como discutida por Marani e França (2024), é uma abordagem fundamental para compreender como gênero, raça, classe e outras categorias sociais se entrelaçam para moldar as experiências dos estudantes no ensino de lutas. Por exemplo, meninas negras podem enfrentar barreiras adicionais em relação às meninas brancas, devido à intersecção de racismo e sexism. Portanto, uma abordagem antissexista no ensino de lutas deve considerar essas múltiplas dimensões de opressão, promovendo práticas pedagógicas que sejam verdadeiramente inclusivas.



Para Alvariñas-Villaverde e Pazos-González (2018, p. 160), "as atividades físicas e esportivas plantadas na aula podem constituir uma ferramenta de perpetuação de estereótipos ou de ruptura dos mesmos. A chave, desde nosso ponto de vista, está em como ser abordada, na metodologia e nos recursos empregados".

A implementação de um currículo antissexista no ensino de lutas requer, ainda, a formação crítica de professores e professoras, como destacado por Silva e Brito (2024). A inclusão de discussões sobre gênero e sexualidade na formação inicial e continuada de docentes é essencial para que eles possam problematizar as normas de gênero em suas práticas pedagógicas. Além disso, é necessário que os materiais didáticos e as políticas públicas de educação incorporem uma perspectiva de gênero, de modo a garantir que o ensino de lutas seja acessível e significativo para todos os estudantes.

Conforme Araujo e Devide (2019), a importância da atuação pedagógica do docente de Educação Física relaciona-se a pensar formas sobre como incorporar a temática de gênero e sexualidade nas aulas, considerando que essa discussão ultrapassa os muros da escola. Nesse sentido, o docente tem como papel essencial mediar esta construção de conhecimento sobre estes temas para que os discentes sejam capazes de respeitar e valorizar a diversidade em suas diversas expressões, sobretudo no que tange a questão de gênero e sexual.

Considera-se que a partir das interações, resistências e possibilidades de mudança nas relações de poder, a Educação Física Escolar se mostra também como um lugar de construção da educação para a democracia, em uma perspectiva de sociedade que leve em conta a coletividade sem que as individualidades e especificidades sejam invisibilizadas ou mesmo desqualificadas, de modo a servirem como justificativa para as mais variadas violências (Auad; Corsino, 2018).

Dentre outros aspectos, a luta em si pode contribuir para a obtenção de um determinado controle sobre as emoções, as vivências emotivas e racionais relacionando-se com o autodomínio e a diluição dos desejos próprios do eu (Barreira; Massimi, 2008).

Em síntese, o ensino de lutas na Educação Física escolar pode ser tanto um espaço de reprodução de estereótipos de gênero quanto um campo fértil para a promoção da equidade e da inclusão. A partir de uma abordagem crítica e reflexiva, é possível transformar as práticas pedagógicas de modo a desafiar as normas de gênero hegemônicas e a valorizar a diversidade de corpos e identidades. Para tanto, é fundamental que a formação docente e as



políticas educacionais incorporem uma perspectiva de gênero, promovendo um ensino de lutas que seja verdadeiramente inclusivo e transformador.

## METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, pautando-se em uma revisão de literatura. Para tanto, considera-se que a análise qualitativa depende de diversos fatores, tais como: natureza dos dados coletados, extensão da amostra, instrumentos de pesquisa e pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Define-se, assim, esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados coletados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do texto (Gil, 2002).

Classifica-se a pesquisa em exploratória devido ao de se encontra em fase preliminar, tendo como finalidade proporcionar mais informações acerca da temática que ora investigamos, no intuito de se possibilitar sua definição e delineamento, ou seja, facilita a delimitação do tema mais geral de pesquisa, orientando a fixação dos objetivos e a formulação da hipótese (Prodanov; Freitas, 2013).

A revisão da literatura permite a identificação, análise e síntese das principais discussões sobre o ensino de lutas na Educação Física sob a perspectiva de gênero. Conforme Prodanov e Freitas (2013), a revisão da literatura pode ser vista como o momento em que situamos o trabalho, citando uma série de estudos prévios que servirão como ponto de partida para a pesquisa. Nela, reporta-se e avalia o conhecimento produzido em pesquisas anteriores, destacando os conceitos, os procedimentos, os resultados, as discussões e as conclusões relevantes.

A busca por referências foi realizada em bases de dados acadêmicas, considerando estudos publicados em periódicos científicos e livros que discutem gênero, Educação Física e a formação docente. A seleção dos materiais seguiu critérios de relevância, atualidade e pertinência ao tema (Gil, 2008).

Em particular, foram consultadas as seguintes bases de dados: *SciELO (Scientific Electronic Library Online)*, Periódicos CAPES, *Redalyc* e *Google Scholar*. Ademais, foram incluídas obras de referência na área (artigos científicos, livros e capítulos de livros), abrangendo publicações das últimas décadas, com ênfase em autores como Scott (1995), Louro (1997), Butler (2003) e pesquisadores contemporâneos como Marani (2022) e Devide (2021), garantindo uma abordagem atualizada sobre o tema. A seleção priorizou estudos que





discutem gênero e formação docente, utilizando como critérios a relevância teórica, a recorrência em citações acadêmicas e a pertinência aos objetivos dessa pesquisa.

A análise dos textos selecionados foi conduzida de forma crítica, buscando identificar as principais contribuições teóricas, lacunas e desafios para a implementação de um currículo antissexista na formação docente. Dessa maneira, a metodologia utilizada possibilita um aprofundamento teórico e a sistematização de propostas pedagógicas que promovam a equidade de gênero no ensino de lutas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Identificou-se três eixos centrais de discussão sobre o ensino de lutas na Educação Física e suas relações com as questões de gênero: a masculinização do ensino de lutas e seus impactos na participação de meninas e mulheres; a formação docente e a reprodução de estereótipos de gênero; e as estratégias pedagógicas para a construção de um currículo antissexista.

Evidencia-se que o ensino de lutas na Educação Física escolar é frequentemente associado a características tradicionalmente masculinas, como força, agressividade e competitividade (Figueiredo *et al.*, 2021; Devide; Brito, 2021). Essa associação reflete uma visão estereotipada das práticas corporais, que acaba por excluir ou desmotivar a participação de meninas e mulheres. Como apontam Almeida *et al.* (2022), a falta de abordagens inclusivas no ensino de lutas reforça a ideia de que essa prática é naturalmente masculina, limitando o acesso de estudantes do gênero feminino.

Além disso, os estudos destacam que a masculinização do ensino de lutas não se restringe à prática em si, mas também aos discursos e representações que a acompanham. Por exemplo, a mídia esportiva frequentemente retrata as lutas como um domínio masculino, o que influencia a percepção dos estudantes e docentes sobre quem pode ou não participar dessas atividades (Devide *et al.*, 2011). Essa dinâmica contribui para a perpetuação de estereótipos de gênero, que marginalizam corpos e identidades que não se conformam às normas hegemônicas.

A discussão sobre a masculinização do ensino de lutas também revela a necessidade de se repensar as práticas pedagógicas para que sejam mais inclusivas. Como sugerem Marani e França (2024), a interseccionalidade é uma abordagem fundamental para compreender como gênero, raça, classe e outras categorias sociais se entrelaçam para moldar





as experiências dos estudantes. Por exemplo, meninas negras podem enfrentar barreiras adicionais em relação às meninas brancas, devido à intersecção de racismo e sexism. Portanto, uma abordagem antissexista no ensino de lutas deve considerar essas múltiplas dimensões de opressão.

A formação inicial de professores e professoras de Educação Física foi identificada como um fator crucial na reprodução ou desconstrução dos estereótipos de gênero no ensino de lutas. A revisão da literatura mostrou que muitos cursos de licenciatura não abordam suficientemente as questões de gênero e sexualidade, resultando em uma formação que não prepara os futuros docentes para lidar com a diversidade de corpos e identidades em suas práticas pedagógicas (Araujo; Devide, 2019).

Além disso, os estudos destacam que a falta de capacitação profissional é um dos principais obstáculos para a implementação de práticas inclusivas no ensino de lutas. Como apontam Almeida *et al.* (2022), muitos professores não se sentem preparados para abordar as lutas de forma a promover a equidade de gênero, o que resulta em aulas que reforçam a exclusão de meninas e mulheres. Essa lacuna na formação docente é agravada pela escassez de materiais didáticos e políticas públicas que contemplem uma perspectiva de gênero.

No entanto, a literatura também aponta caminhos para superar esses desafios. A inclusão de discussões sobre gênero e sexualidade na formação inicial e continuada de docentes é essencial para que eles possam problematizar as normas de gênero em suas práticas pedagógicas (Silva; Brito, 2024). Além disso, é necessário que os materiais didáticos e as políticas públicas de educação incorporem uma perspectiva de gênero, de modo a garantir que o ensino de lutas seja acessível e significativo para todos os estudantes.

A revisão da literatura permitiu identificar diversas estratégias pedagógicas que podem contribuir para a construção de um currículo antissexista no ensino de lutas. Entre elas, destacam-se: 1) valorização da singularidade: práticas pedagógicas que consideram as necessidades e objetivos individuais de cada estudante, independentemente de seu gênero (Figueiredo *et al.*, 2021); 2) criação de um clima cooperativo: promoção de um ambiente de aprendizagem que valoriza a colaboração e o respeito mútuo, em vez da competição excessiva; 3) desconstrução de estereótipos: abordagens que desafiam as normas de gênero hegemônicas, promovendo a ideia de que as lutas são uma prática acessível a todos os corpos (Butler, 2003); 4) interseccionalidade: consideração de como gênero, raça, classe e outras



categorias sociais se entrelaçam para moldar as experiências dos estudantes (Marani; França, 2024).

Essas estratégias são fundamentais para transformar o ensino de lutas em um espaço de inclusão e empoderamento. Como discutido por Hooks (2021), a educação deve ser uma prática de liberdade, que desafie as estruturas opressivas e promova a justiça social. No contexto do ensino de lutas, isso implica em repensar as práticas pedagógicas de modo a valorizar a diversidade de corpos e identidades, desafiando as normas de gênero hegemônicas.

Evidenciou-se que o ensino de lutas na Educação Física escolar é um campo fértil para a reprodução de estereótipos de gênero, mas também para a promoção de práticas pedagógicas mais inclusivas e equitativas. A masculinização dessa prática, a falta de formação docente adequada e a ausência de estratégias pedagógicas antissexistas são desafios que precisam ser superados para garantir que o ensino de lutas seja acessível e significativo para todos os estudantes.

Ademais, concordamos com Louro (2017, p. 124) quando afirma “inicialmente me parece que vale a pena reafirmar, com muita clareza, que a opção por uma história da educação na perspectiva do gênero é mais do que uma opção teórica ou pedagógica; é uma opção política, supõe um engajamento”.

A partir das discussões apresentadas, fica claro que a construção de um currículo antissexista no ensino de lutas requer uma abordagem crítica e reflexiva, que considere as múltiplas dimensões de opressão e valorize a diversidade de corpos e identidades. A formação docente, as políticas públicas e as práticas pedagógicas devem ser repensadas de modo a promover a equidade de gênero e a inclusão, transformando o ensino de lutas em um espaço de resistência e empoderamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar como o ensino de lutas na Educação Física escolar tem sido abordado em relação às questões de gênero, propondo estratégias para a construção de um currículo antissexista. A partir da análise das produções acadêmicas, foi possível identificar que o ensino de lutas ainda é marcado por uma forte associação com características tradicionalmente masculinas, como força e competitividade, o que resulta na exclusão ou desmotivação de meninas e mulheres para a prática dessas atividades. Essa realidade evidencia



a necessidade de se repensar as práticas pedagógicas e a formação docente, de modo a promover uma educação física mais inclusiva e equitativa.

Destaca-se que a formação inicial de professores e professoras de Educação Física desempenha um papel fundamental na reprodução ou desconstrução dos estereótipos de gênero. A falta de abordagens críticas sobre gênero e sexualidade nos cursos de licenciatura tem resultado em uma formação que não prepara os futuros docentes para lidar com a diversidade de corpos e identidades em suas práticas pedagógicas. Portanto, é fundamental que as instituições de formação inicial e continuada incorporem discussões sobre gênero, interseccionalidade e práticas antissexistas, garantindo que os professores estejam capacitados para promover a inclusão e a equidade em suas aulas.

Ademais, foram identificadas estratégias pedagógicas que podem contribuir para a construção de um currículo antissexista no ensino de lutas. A valorização da singularidade de cada estudante, a criação de um clima cooperativo, a desconstrução de estereótipos de gênero e a adoção de uma abordagem interseccional são práticas essenciais para transformar o ensino de lutas em um espaço de inclusão e empoderamento. Essas estratégias, aliadas a políticas públicas que fomentem a equidade de gênero na educação, podem garantir que o ensino de lutas seja acessível e significativo para todos os estudantes, independentemente de seu gênero, raça, classe ou orientação sexual.

Por fim, este estudo reforça a importância de se pensar a Educação Física como um campo de resistência e transformação social. Ao desafiar as normas de gênero hegemônicas e promover práticas pedagógicas inclusivas, o ensino de lutas pode se tornar um espaço de empoderamento e liberdade, onde todos os corpos e identidades são valorizados. A construção de um currículo antissexista não apenas beneficia os estudantes, mas também contribui para a transformação da sociedade, promovendo a justiça social e a equidade.

Em síntese, buscou-se oferecer subsídios teóricos e práticos para a construção de uma Educação Física mais inclusiva e equitativa. No entanto, é importante destacar que a implementação dessas mudanças requer um compromisso coletivo de educadores, instituições de ensino e formuladores de políticas públicas. Apenas por meio de uma abordagem crítica e reflexiva será possível superar os desafios identificados e transformar o ensino de lutas em um espaço verdadeiramente democrático e inclusivo.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maycon Ornelas *et al.* A prática pedagógica com as lutas na educação física: um retrato da formação e da realidade de ensino de professores do ensino médio do Distrito Federal. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 44, p. 1-9, 2022.

ALVARINAS-VILLAVERDE, Myriam; PAZOS-GONZALEZ, Macarena. Estereotipos de género en Educación Física, una revisión centrada en el alumnado. **Revista electrónica de investigación educativa**, v. 20, n. 4, p. 154-163, 2018.

ARAUJO, Ana Beatriz Carvalho de; DEVIDE, Fabiano Pries. Gênero e sexualidade na formação em educação física: uma análise dos cursos de licenciatura das instituições de ensino superior públicas do rio de janeiro. **Arquivos em movimento**, v. 15, n. 1, p. 25-41, 2019.

AUAD, Daniela; CORSINO, Luciano. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física Escolar. **Revista estudos feministas**, v. 26, n. 1, p. 1-13, 2018.

BARREIRA, Cristiano Roque Antunes; MASSIMI, Marina. O combate subtrativo: a espiritualidade do esvaziamento como norte da filosofia corporal no karate-do. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 21, n. 2, p. 283-292, 2008.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, v. 21, p. 219-260, 2003.

DEVIDE, Fabiano Pries *et al.* Estudos de gênero na educação física brasileira. **Motriz**, v. 17, n. 1, p. 93-103, 2011.

DEVIDE, Fabiano Pries; BRITO, Leandro Teófilo de (Orgs.). **Estudos das masculinidades na educação física e no esporte**. São Paulo: nVersos, 2021.

FIGUEIREDO, Luiza Ferreira *et al.* Aprendendo e ensinando mulheres a lutar: práticas exemplares e reprováveis nas artes marciais. **Revista brasileira de psicologia do esporte**, v. 11, n. 2, p. 147-165, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOOKS, Bell. **Enseñar a transgredir**: la educación como práctica de la libertad. Madrid, España: Capitán Swing Libros, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, História e educação: construção e desconstrução. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, p. 101-132, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.





MARANI, Vitor Hugo. Dança, educação física e heteronormatividade: enquadramentos corporais e subversões performativas. **Movimento**, v. 28, p. 1-17, 2022.

MARANI, Vitor Hugo *et al.* Gênero, sexualidade e raça nos estudos culturais físicos: experiências formativas na educação física brasileira. **Humanidades & inovação**, v. 8, n. 58, p. 203-217, 2021.

MARANI, Vitor Hugo; FRANÇA, Ábia Lima de. Corpo, diferença e educação física: experiências interseccionais a partir dos estudos culturais físicos. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 46, p. 1-7, 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, Alan Camargo; BRITO, Leandro Teófilo de. educação física, gênero e sexualidade: uma experiência didático-pedagógica na formação de professores(as). **Cadernos de formação RBCE**, v. 15, n. 2, p. 94-104, 2024.

#### **Dados do autor:**

Email: adao.sousa@unemat.br

Endereço: Rua E, 603, Bairro Bela Vista, Diamantino, MT, CEP: 78400-000, Brasil.

Recebido em: 24/02/2025

Aprovado em: 26/03/2025

#### **Como citar este artigo:**

SOUZA, Adão. Formação docente em educação física e o ensino de lutas: estratégias para um currículo antissexista. **Corpoconsciência**, v. 29, e.19221, p. 1-14, 2025.

